

CAMPOS ABERTOS¹

OPEN FIELD



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014
p. 323-326

Gilbert Daniel²

Etnografia e Educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis apresenta nove artigos que analisam dados de pesquisas etnográficas sobre diversos aspectos da vida escolar e educacional na interface com a cultura, em pesquisas produzidas em programas de pós-graduação no Brasil e em Portugal.

Com uma citação de Geertz, abrimos o livro e nela o célebre antropólogo norte-americano nos ensina à propósito de um dos trabalhos da etnografia. Esse trabalho proporcionaria a visibilidade de nós mesmos em meio as inevitáveis estranhezas de um mundo diverso. Desse modo, a nossa visibilidade ilumina o nativo que há em cada um de nós, o exercício da alteridade para a diversidade cultural. E nessa diversidade, cada um de nós, reconhecer-se-ia como parte de uma trama social complexa e desafiadora.

Questões de ordem de identidade, gênero, etnia, sexualidade, em espaços urbanos ou rurais, mostram-se como elementos relevantes nos cotidianos escolares e educacionais, cujas dimensões variadas nos colocam em situação os desafios da diversidade cultural. Tais realidades analisadas em profundidade pelos pesquisadores desenharam muitas possibilidades para a compreensão dos desafios contemporâneos, tanto para professores quanto para antropólogos. Ao entrar em uma escola, ou mesmo observando práticas de leitura ou formação de escritoras premiadas, os vários pontos de vista que se cruzam nos sinalizam caminhos diversos entre a escola, a educação e a pesquisa etnográfica.

A educação e a etnografia se aproximam com sentidos polissêmicos e problematizam as várias camadas de significados das tramas de teias interpretadas por educadores e antropólogos. As teias nos aprisionam e nos libertam, fazemos as culturas e elas nos fazem, de modo que pela etnografia seja possível interpretar muitos desses fios de teias de significados, ainda que interpretações de segunda ordem.

Os autores analisam aspectos culturais investigados em práticas etnográficas sobre temas como: a epistemologia da infância; os sentidos da alteridade em Margaret Mead; a formação de

¹Resenha de: DAUSTER, Tânia ; TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar. (Orgs.). *Etnografia e Educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2012.

²Mestre em Educação pela PUC-Minas

escritoras premiadas; práticas de leitura em escola pública de ensino médio; a antropologia da educação em Portugal; a prática da etnografia pelos mares da Ilha Grande, no Rio de Janeiro; os jovens alunos e seus rituais nas escolas da periferia da cidade de São Paulo; jovens negros de elite e suas interações em uma escola confessional, na cidade de Belo Horizonte; e as lutas e conquistas das comunidades quilombolas por uma educação em diálogo com suas realidades.

Todas essas abordagens desenham quadros muito precisos, já que orientados para a formulação de *descrições densas*, como aquelas apontadas por Clifford Geertz. As narrativas, então, ganham contornos vivos, pois semanticamente enriquecidas pelas vidas compartilhadas, pelas experiências muito próximas e *por dentro* das culturas, nas interações mediadas por piscadelas e tantos outros signos entre pesquisadores e pesquisados.

Gilberto Velho, pesquisador pioneiro das investigações antropológicas em espaços urbanos no Brasil - em cuja memória o livro é dedicado - na apresentação do livro, nos descreve um mundo fragmentado, veloz, no qual o conhecimento se revela em múltiplos pontos de vista inesgotáveis. Diante desse desafio, o antropólogo destaca no livro *Etnografia e Educação* a riqueza da pesquisa interdisciplinar como possibilidade para se abordar a contemporaneidade, através também da *descrição densa* das culturas. Nessas descrições etnográficas, as narrativas das culturas investem contra as generalizações apressadas, isto é, contra os preconceitos e suas constantes ameaças simbólicas e físicas aos corpos de todos nós.

Por sua vez, na introdução, os organizadores Gilmar Rocha, Sandra Pereira Tosta e Tânia Dauster contextualizam a interface educação/antropologia como possibilidades teórico-metodológicas praticadas por pesquisadores brasileiros e portugueses. Em escolas, nas cidades, em comunidades quilombolas ou nos mais variados contextos entre a educação e a antropologia, o livro apresenta olhares e práticas, cenários tão múltiplos delimitados e ampliados pelas culturas e suas interpretações.

As experiências dos organizadores em torno de pesquisas interdisciplinares se concentram nas possibilidades da etnografia nos diálogos com a educação. Etnografia que deve ser compreendida como espaço, também, da aprendizagem das culturas. Tal aprendizagem se daria em diversos espaços e tempos nos quais, pelas interações, aprendemos e nos reinventamos nas teias que tecemos em torno de nossas vidas. Vidas de culturas transformadas pela educação, e, muitas vezes, reelaboradas pela escola. Esta reelaboração da escola, nem sempre, costura um sentido libertador, pois a escola se configura, ao longo dos artigos, também em sua face silenciadora dos preconceitos, ou ainda, reprodutora destes.

Seja construindo uma epistemologia da infância (Raúl Iturra) ou resgatando a contribuição de Margaret Mead para as interfaces pioneiras entre educação e antropologia (Gilmar Rocha), ou ainda as contribuições portuguesas nessa mesma interface (Ricardo Vieira), o que ganha nitidez é como os encontros entre as disciplinas e áreas de conhecimento podem ser promissores. Educação e antropologia na construção de uma história, a qual se insere na luta para fazer da escola e da educação espaços privilegiados para a vida e sua diversidade.

Ainda sobre as pesquisas de Ricardo Vieira, deparamo-nos com dados sobre como na escola, a criança entra em contato com saberes descontextualizados. Os professores diante da diversidade cultural de uma sala de aula acabam se limitando a repetir lições escritas, sem maiores espaços para o diálogo. Resultam desse processo a homogeneização do ensino e o silenciamento das diferenças. A antropologia da educação vem, nesse sentido, propor aos professores pedagogias devidamente contextualizadas, em permanente diálogo com as realidades vividas por crianças em suas culturas. Esse seria um provável caminho para fazer da escola espaço para todos, ação libertadora para o sucesso escolar. Reverte-se, desse modo, o processo desigual e desumano de, aos diferentes, imputar a culpa por não assimilarem aqueles conhecimentos descontextualizados quando pensados à luz de suas experiências cotidianas.

Sandra Pereira Tosta e Pollyanna Alves, ao lado de Neusa Gusmão e Márcia Anacleto de Souza, discutem em seus artigos temáticas silenciadas e reproduzidas, seja na escola, seja em outros espaços. Com jovens negros em uma escola confessional ou pesquisando as relações de

escolas em comunidades quilombolas, fica evidente o quanto a questão do preconceito e da naturalização da desigualdade ainda se mostram em processo pouco dialógico dentro das instituições escolares.

As entrevistas com jovens negros em escola de elite “branca” abordam as interações e representações identitárias. Entramos então em contato com relatos que falam de um duro processo de discriminação e silenciamento desse grupo de jovens. Sobretudo, são relatos que, partindo de características como tipo de cabelo, cor da pele, demonstram como esses jovens negros são afetados por construções historicamente negativas sobre suas identidades. Sandra Tosta e Polyanna Alves descrevem opções teórico-metodológicas que possibilitaram a coleta de dados cuidadosamente observados no campo da pesquisa. Desenham, por exemplo, as relações entre antropologia e educação, destacando as contribuições pioneiras de Margaret Mead em suas pesquisas sobre educação na cultura Manus. À parte desse exemplo, antropologia e educação não foi uma interface que produziu maiores aproximações. Crianças, adolescentes e jovens se tornam objetos de estudos etnográficos quando se trata dos ritos de iniciação para a vida adulta, não representando maiores questionamentos fora desses contextos, menos ainda quando o tema é a educação escolar.

Quanto à educação quilombola, a pergunta proposta pelas autoras Neusa Gusmão e Márcia Lúcia Anacleto de Souza se situa na seguinte formulação: escola “nos” ou “para” os quilombos? Ocorre que há entre os dois termos a distinção entre, de um lado, uma educação feita *para* a realidade dos quilombos e todas as questões identitárias que estes suscitam, e, de outro, um edifício escolar apenas instalado *nos* espaços de uma comunidade quilombola, silenciando e reproduzindo imagens negativas historicamente construídas contras os negros.

A formação de escritoras premiadas, no artigo de Tânia Dauster, aproxima-se das práticas de leituras observadas por Lucelena Ferreira. Enquanto as escritoras se dizem formadas, principalmente pelo ambiente familiar entre livros, e pouco atribuem a escola suas formações como autoras literárias, nos deparamos com jovens leitores que não veem na escola espaço para legitimar seus gostos literários, uma vez que o suporte que usam é o computador. Ao não se dar conta desse dado, a professora de Língua Portuguesa pesquisada por Lucelena Ferreira perde uma boa oportunidade de agregar e ampliar os repertórios linguísticos e culturais de seus estudantes, na sala de aula que se abre para o barulho do trânsito que invade as janelas.

Das cenas de um *Sinal Fechado* do artigo de Lucelena Ferreira, nos transportamos para uma outra paisagem. Diante das imagens evocadas por Anderson Tibau de dentro da embarcação *Irmãos Unidos II*, cujo barqueiro recebeu o nome fictício de Marítimo, não há como afastar alusões aos Trobriandeses de Malinowski. Pelos mares da Ilha Grande, no sul do estado do Rio de Janeiro, o etnógrafo em seus primeiros contatos com o campo de pesquisa descreve a paisagem na qual se insere. Junto com eles embarcamos à contra bordo. Os estudantes no trajeto marítimo que os encaminha para as escolas públicas da ilha fazem do convés da embarcação pátio para suas sociabilidades, muitas das quais acionadas pelo uso de celulares, usados para ouvir música ou enviar mensagens.

Oposto a essas imagens, Alexandre Barbosa Pereira retrata os muros, grades e cadeados de uma escola pública de ensino médio, na periferia de São Paulo, obstáculos físicos e simbólicos que cercam as possibilidades de permeabilidade entre escola e comunidade ao redor. Dentro da escola e nas salas de aula, tomamos conhecimento dos alunos que *causam* e os *palhaços da aula*. Esses gestos irreverentes são percebidos pelos professores como atos de indisciplina. Diante da incompreensão e das dificuldades de construir um diálogo entre jovens e professores, ambos acabam em lados opostos dentro da escola fechada em si mesma.

Ainda refletindo sobre a instituição escolar, Alexandre Barbosa Pereira retoma as noções de *espaço liso* e *espaço estriado* (DELEUZE e GUATTARI, 1997) as quais colocam em situação espaços nos quais as regras estão ausentes ou são maleáveis, e espaços nos quais as regras se mantêm rígidas. Ao mesmo tempo, Deleuze e Guattari apontam passagens e transições entre

ambos os espaços, nas quais não se pode mais definir com clareza o *liso* e o *estriado*. Ambas as noções dialogam também com o que Certeau (2010) definiu como *lugar* e *espaço*, sendo que o primeiro se identifica com o lugar planejado e delimitado por uma ordem, e o segundo com as práticas culturais e seus movimentos constantes de invenção. Essas leituras permitem arejar o cenário, abrindo-o para formas de invenção no cotidiano e suas resistências criativas.

Todas essas pesquisas nos revelam cenários e retratos pintados com cores múltiplas, as cores da diversidade. Por entre todas as teias ensaiadas e interpretadas, configuram-se miríades de línguas, sotaques e gírias. Categorias nativas que só a pesquisa *de perto* e *de dentro* pode emoldurar. Ainda que cenários e retratos nunca sejam mais os mesmos, pois as transformações não param de proliferar, o ponto de vista de quem os pintou em um dado tempo e espaço nos ensina sobre o diário exercício da alteridade, tanto para professores quanto para antropólogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: I. Artes de fazer. Petrópolis, RJ; Vozes, 1994.
- DAUSTER, Tânia; TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar. (Orgs.). **Etnografia e Educação**: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis. Rio de Janeiro: Lamparina. 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**, vol. 5. São Paulo, Editora 34. 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 2012.
- MALINOWSKI, Bronislaw.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. V. 17, Nº 49, junho/2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos do arquipélago da Nova Guiné melanésia. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural. 1978.

Recebido em: 02/01/2014

Aprovado para publicação em: 10/03/2014